

O MARQUEZ DE SAPUCAHY (*)

(Trez elegias)

Bem differente do Maciel Monteiro foi— Candido José do Araujo Vianna, marquez de Sapucahy (1793-1875).

Magistrado, administrador, politico, era pacato, moderado, timido em demazia.

Escreveu muito pouco.

Em prosa, seu trabalho principal é o celebre artigo inserto no *Correio Official* de 28 de Setembro de 1833, contestando os serviços de José Bonifacio á nossa independencia politica; em poesia, os decantados versos á memoria de sua filha.

O artigo pode ser indicado como um dos mais limpos trechos do jornalismo politico do tempo; é mediocre, sem ter as grosseiras e declamações então tanto em voga (1).

Araujo Vianna era ministro quando o escreveu, por occasião de ser deposto o velho Andrada do cargo de tutor do Imperador.

E' uma peça incolor, sem grande prestimo litterario e de pouco aleanco historico.

Os versos são singelos e delicadissimos.

Por elles é que esta politico tem um lugar na historia da litteratura brasileira.

O velho mineiro tinha uma filha que havia plantado um canteirinho de violetas; antes que estas desabrochassem— morreu a moça.

Sobre o seu tumulo foi o poeta depor as primeiras flores, quando ellas abriram, e escreveu estes versos: «

Da planta que mais presavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho de pranto orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores....

(*) *Gazeta de Noticias* n. de 30 de Dezembro de 1886 — por Sylvio Romero.

(1) Vem transcripto no *Primeiro Reinado* de L. F. da Veiga.

Em vez de afagar-te o seio,
D'enfaltar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do Jazigo em que descanças,

Ja lhes falta aquelle viço
Que o teu desvello lhes dava...
Gelou-se a mão protectora,
Que tão fagueira as regava.....

Desgraçadas violetas
A fim prematuro correm...
Pobres flores!... também sentem!
Tambem de saudade morrem! »

E' uma coisa caprichosa a poesia.

Trez ou quatro notas singelas tocam-nos as fibras d'alma; e quantas vezes vastas composições, pretenciosas deixam-nos de todo indifferentes!

O velho poeta, em quadro, quadrinhas em estylo popular, disse mais do que Magalhães em todo o volume dos *Mysterios e Cantos Fúnebres* consagrados á memoria de seus filhos.

Nestes a metaphysica e a sciencia intervêm e nos atiram em especulações abstractas.

Nos versinhos de Araujo Vianna a simplicidade da linguagem deixa ver em toda a pureza a verdade do sentimento.

A boa poesia é assim transparente e limpa em sua espontaneidade.

A' primeira vista parecerá desarrazada a inserção do velho mineiro numa historia litteraria, só por aquellas quadrinhas, deitadas ao lado outros versos, originaes ou traduzidos, que nos ficaram delle.

A quem conhecer a pobreza real da poesia elegiaca em Portugal e Brazil, o absurdo não parecerá tamanho.

Tres-se me antolham em todo o lyrismo brasileiro as peças elegiacas do valor, e nas quaes um sentimento real e positivo cõa a travessia da simplicidade da forma.

Tres são elles, e a poucas quadrinhas do indole popular a rodozem.

Podem aqui ser estampadas como estudo comparativo.

Representam o pensamento da morte em tres phases diversas da litteratura brasileira.

Por uma coincidência singular são ecryptas no mesmo metro e referem-se todas a meças prematuramente arrancadas á vida.

Araujo Vianna, como classico e christão, levou sua offerenda ao tomulo, como a levaria a um altar, e fallou á filha, como a uma sombra querida, invisivel, que alli o escutasse.

A segunda composição, a que me refiro, é o trecho da poesia—*Saudade Branca*, em que Laurindo Rabello pranteou a morte de sua irmã, intelligente poetisa, que enloquecera, e morrera por amor.

A historia desta desgraçada moça é conhecida; morreu-lhe inesperadamente o noivo, e elle, perdida a razão, acompanhou-o ao tumulo.

Laurindo estava na Bahia, fazendo o curso de medicina, e, ao chegar-lhe a noticia do fallecimento da irmã, escreveu estes versos:

«Que tens mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flor! Que pallidez!...

Quem sabe... (Oh! um Deus não seja,
Não seja esta idéa vã!)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha irmã!!

«Minh'alma é toda saudades;
«De saudades morrerei...»
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei:

E agora esta saudade
Tão triste e pallida... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim!...

A namorar-me ossentidos!
A fascinar-me a razão!...
Julgo que sinto a voz della
Fallar-me no coração!

Exulta minh'alma exulta!...
Aos meus labios, flor louça!
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã!...

Outro beijo, que estes beijos
Não t'os prohibe o pudor;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Si almas podem
Em flores se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flores podem fallar!

E não fallas?... Não respondes?...
Oh! cruéis enganos meus!
Saudade, porque me illudes?
Minha irmã, meu Deus! meu Deus!

Minha irmã! minha ventura,
Esperança, encanto meu?
E' teu irmão quem te chama!...
Responde!... Falla!... Son eu!...»

É este o trecho; de toda a poesia escolhi estas dez quadrinhas delicadíssimas; as que precedem e as que seguem podem bem ser excluídas; não são tão valentes.

Nos transcriptos estão bem retratados o talento e o pesar do poeta proletário e soffredor, que viu seu pai e seu irmão assassinados, sua irmã louca e morta.

Ahi está o homem ainda crente e meio phantastico; ahi está o delirio do romantismo; mas o delirio sincero; crenças e dúvidas travam-se n'alma do poeta.

A terceira poesia são os versos por Tobias Barreto gravados no tumulo de D. Hermina de Araujo, mulher do Dr. Altino de Araujo.

Perogrina pela belleza e pelas virtudes, morreu esta creatura celeste aos dezoito annos, deixando um filhinho.

A ologia é assim:

«Tive a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor!...
Eis aqui o que eu quizeria
Que me explicasseis, Senhor:—

Para provar que não somos
Todos mais que sombra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando o filhinho só!...

Vos sabeis que ha só no mundo
Um ente que nos quer bem,
É' nossa mãe,—ella morre,
E o orphão grita... por quem!..

Ora, Senhor!... perdoai-me,
Não comprehendo isto assim:—
Viver e morrer tão cedo,
Sem um mister, sem um fim;

Passar como uma aura leve,
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor!...»

Aqui ha desalento e rebeldia ao mesmo tempo; uma certa resignação cheia de amargos, a nullidade da vida esmagada pela cegueira estúpida da morte.

Tudo sem declarações, sem dissertações e commentarios theoricos.

Sylvio Romero.

O DR. FRANCISCO DE MELLO FRANCO

A 7 de Setembro de 1757 nasceu o dr. Francisco de Mello Franco no então arraial e hoje cidade de Paracatú, sendo seus paes os honrados lavradores: João de Mello Franco e D. Anna Caldeira.

Mostrando, desde seus primeiros annos, notavel disposição para os estudos, foi por sua familia mandado para o Rio de Janeiro, onde cursou, no Seminario de S. Joaquim os preparatorios que se exigiam para a matricula na Universidade de Coimbra.

Para ahi seguiu em 1769, e, depois de aperfeiçoar-se nos estudos a que já se havia applicado, inscreveu-se nas Faculdades de Medicina e Philosophia.

O joven Mello Franco adquiriu para logo não só os fôros de excellento estudante, como os de poeta satyrico e repentista, pois que procurava suavisar fadigas das aulas com o doce cultivo das Moxas.

Em má hora se lembrou de tais distrações o talentoso mineiro!

Se as suas produções poeticas grangearam-lhe nomeada e admiradores entre seu condiscipulos e os proprios lentos, seus remoqueos e satyras, ou talvez a franqueza tão propria de sua idade, com que os publicava, adquirirão-lhe não poucos inimigos.

Nos carcereos da Inquisição expirou Francisco de Mello Franco tão *feliz delicto*.

Ahi gemeu elle por espaço de quatro annos, porque o terrivel tribunal entendeu que uma de suas composições, que intitulo — *Reino da Estupidez* — (*) transpirava sentimentos de immoralidade e de irreligião, sentimentos que ella procurava abafar com a prisão, com os tractos e a fogueira.

(*) Deste poema disse o douto litterato portuguez sr. Theophilo Braga á pag. 241 dos seus notaveis — *Estudos da Edad Media* —: «O primeiro poema herolcomico depois do *Hynope* e' o *Reino da Estupidez*.

Uma coisa que faz lido este poema, e' o conhecimento das perseguições que soffreram os poetas a quem foi attribuido.